

EFEITOS PSICOSSOCIAIS DA HOSPITALIZAÇÃO EM CRIANÇAS: INTERVENÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E HUMANIZADO

Raiany Goulart Trindade¹

Katia de Medeiros Penna²

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo analisar os impactos psicossociais da hospitalização infantil e as estratégias de mitigação aplicáveis. Para tal, realizou-se uma revisão da literatura sobre o tema. Observa-se que a hospitalização desencadeia efeitos como ansiedade, medo, regressão e sofrimento psíquico, os quais são intensificados pela ruptura da rotina e pelo afastamento familiar, podendo comprometer o desenvolvimento. A literatura consultada ressalta que a presença da família, a atuação do psicólogo hospitalar e as estratégias de humanização (a exemplo da ludoterapia) são cruciais para a adaptação e a redução do estresse. Conclui-se, portanto, que a assistência pediátrica deve ser integral, abordando a criança em sua totalidade biopsicossocial.

Palavras-chave: Hospitalização Infantil; Cuidado Integral; Psicologia Hospitalar.

1 INTRODUÇÃO

O entendimento sobre saúde e doença passou por profundas transformações. O modelo biopsicossocial, que defende que o conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais são determinantes para o processo de cura e adoecimento, consegue oferecer uma compreensão ampliada dos debates sobre saúde/doença. Nesse sentido, mais do que aspectos físicos, o psicológico e o social assumem um papel de centralidade. O tratamento, portanto, não pode ser focado apenas na cura do corpo material, mas também precisa lidar com as consequências psicológicas advindas de um processo de hospitalização (Rodrigues, 2013). A fim de transformar a medicina e torná-la mais sensível a outros aspectos do tratamento médico, foram inseridos diversos profissionais não-médicos nas instituições de saúde. Dentre esses profissionais, o psicólogo é central, pois oferece atenção especial à saúde mental (Motta, 2010).

À vista disso, é preciso assegurar que a experiência seja menos traumática, sobretudo para as crianças. O ambiente hospitalar, caracterizado por uma rotina diferente, ruptura de atividades cotidianas, ausência de familiares e procedimentos médicos invasivos, gera uma série de respostas psicológicas em crianças como choro, ansiedade, irritabilidade, apatia, entre outros. É preciso empregar estratégias para facilitar a adaptação das crianças e permitir um melhor enfrentamento dos desafios de um ambiente lido como hostil no imaginário infantil (Motta, 2002).

Diversos estudos apontam uma série de prejuízos no desenvolvimento de crianças advindos de períodos de hospitalização. Dentre os principais efeitos nocivos estão insônia, comportamento agressivo, perda de apetite, perda de peso, manifestações psicossomáticas, problemas de socialização, instabilidades de personalidade, carência, problemas de comportamento, sentimentos de vingança, problemas fisiológicos, dificuldade de aprendizagem e problemas de comunicação. Além disso, as crianças podem enfrentar dilemas de identidade devido às alterações comportamentais advindas de efeitos medicamentosos ou mesmo de mutilações em seu corpo. Justamente por isso, muitas crianças experimentam reflexões sobre

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP). E-mail: raianygoulart07@gmail.com

² Psicóloga, Pedagoga, Mestra em Educação. Docente no curso de Bacharelado em Psicologia no Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP). E-mail: katiamedeiros@unifucamp.edu.br

vida e morte. Muitas vezes, a ideia de morte não aparece como um evento de finalização da vida, mas a morte da própria rotina dos pacientes como o afastamento da escola e a separação dos pais (Parcianello, 2008).

Um outro ponto é a sensação de despersonalização que provoca um sentimento de perda de identidade. A criança hospitalizada continuamente é tratada como “o paciente”, o que gera uma sensação de ser uma “não-pessoa”. A padronização extrema do ambiente hospitalar também contribui para essa perda do “eu”. Desde a chegada ao hospital, a criança assiste à mutilação de sua identidade, sendo obrigada seguir um conjunto de normas e padrões como horários rígidos, vestimentas hospitalares e alimentação controlada (Parcianello, 2008). Para Bowlby (1995), a criança hospitalizada passa por três fases: revolta, apatia e aceitação. A fase de protesto se caracteriza por choro e raiva frente a internação e os procedimentos, muitas vezes, dolorosos. A apatia apresenta perda generalizada de interesse e desânimo profundo. Por fim, a aceitação é o momento de formação de vínculos no hospital, o que facilita os cuidados.

A presente pesquisa busca apresentar os principais efeitos psicológicos da hospitalização em crianças e como eles repercutem em seu desenvolvimento posterior. A partir de uma revisão bibliográfica objetiva-se analisar como o tema tem sido tratado pela literatura, enfatizando desafios de atuação e estratégias empregadas.

A investigação sobre os efeitos psicológicos da hospitalização infantil justifica-se pela relevância crescente de compreender a criança para além do adoecimento físico, reconhecendo-a como sujeito biopsicossocial em pleno desenvolvimento. A internação, embora necessária, pode desencadear ansiedade, medo, regressão e sofrimento psíquico, afetando de forma duradoura seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Além disso, a família também enfrenta sobrecarga e mudanças bruscas na dinâmica afetiva, o que agrava o impacto da hospitalização. Diante desse cenário, torna-se essencial analisar estratégias de intervenção que reduzam esses danos, especialmente aquelas relacionadas à humanização do cuidado e à atuação do psicólogo hospitalar. Ao identificar práticas eficazes, este estudo contribui para qualificar a assistência pediátrica, fortalecendo políticas de saúde que garantam um cuidado integral e respeitoso às necessidades da criança e de sua família.

O problema de pesquisa deste trabalho reside em compreender de que maneira a hospitalização impacta o desenvolvimento psicológico, emocional, social e comportamental de crianças, tendo em vista que o ambiente hospitalar, os procedimentos invasivos e a separação familiar são fatores geradores de ansiedade, medo, regressão e sofrimento psíquico. Diante desse quadro de vulnerabilidade, a investigação se concentra em analisar quais estratégias de intervenção e humanização, com foco na atuação do psicólogo hospitalar e no uso de práticas lúdicas, são eficazes para minimizar esses danos e promover um cuidado integral que considere a criança em sua dimensão biopsicossocial.

Supõe-se que a hospitalização infantil provoca impactos psicológicos significativos, como ansiedade, medo, regressão comportamental e sofrimento psíquico, comprometendo o bem-estar emocional e o desenvolvimento global da criança. Acredita-se que tais efeitos decorrem não apenas da doença, mas também da ruptura da rotina, da perda de autonomia e da separação das figuras de apego. Parte-se da hipótese de que a implementação de intervenções humanizadas, especialmente a atuação do psicólogo hospitalar, aliada ao uso de práticas lúdicas e estratégias de acolhimento, reduz esses impactos, fortalece a adaptação ao ambiente hospitalar e contribui para um cuidado mais integral e protetivo das necessidades biopsicossociais da criança.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica exploratória, com o objetivo de identificar, analisar e discutir os efeitos psicológicos da hospitalização em crianças, bem como as estratégias de intervenção utilizadas para minimizar esses impactos. A revisão bibliográfica permite sistematizar o conhecimento existente, identificar lacunas de pesquisa e fornecer subsídios teóricos e práticos para a atuação profissional no contexto hospitalar.

A busca por fontes científicas foi realizada em plataformas digitais reconhecidas, incluindo Google Acadêmico, SciELO e Portal CAPES, utilizando descritores em português e inglês, tais como “hospitalização infantil”, “crianças hospitalizadas”, “impacto psicológico”, “*child hospitalization*” e “*psychological impact*”. Foram incluídos artigos, livros, dissertações e teses publicados nos últimos cinquenta anos, que abordassem especificamente crianças e adolescentes hospitalizados, os impactos psicológicos, sociais, emocionais ou cognitivos da hospitalização, bem como estratégias de intervenção, ludoterapia e humanização do cuidado pediátrico. Foram excluídos estudos voltados exclusivamente para adultos ou idosos, produções centradas apenas em aspectos físicos da doença ou hospitalização, textos duplicados ou indisponíveis na íntegra.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente revisão bibliográfica permitiu identificar um conjunto consistente de evidências acerca dos impactos psicossociais da hospitalização infantil e das principais estratégias de intervenção utilizadas para mitigar tais efeitos. Os estudos analisados convergem ao demonstrar que a hospitalização, independentemente da gravidade clínica, constitui um evento potencialmente estressor para a criança e sua família, repercutindo em aspectos emocionais, cognitivos, comportamentais e sociais. Esses resultados reforçam a necessidade de compreender a criança como sujeito biopsicossocial e de implementar práticas de cuidado integral e humanizado no contexto hospitalar.

Os resultados também evidenciam alterações nos vínculos familiares como aspecto central na experiência de hospitalização. A literatura aponta que a separação dos cuidadores é um dos maiores estressores para a criança, podendo gerar sentimentos de desamparo e intensificar quadros de ansiedade e regressão. De modo complementar, os familiares vivenciam sobrecarga emocional, interrupção de rotinas, medo do desfecho clínico e exaustão física, o que pode comprometer sua capacidade de oferecer apoio afetivo adequado. A presença constante da família, garantida por dispositivos legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Resolução nº 41/1995 do CONANDA, é demonstrada como elemento protetor essencial, favorecendo a adaptação emocional da criança e fortalecendo a vinculação afetiva. Quando respeitado, esse direito contribui para reduzir sentimentos de insegurança e oferecer previsibilidade ao ambiente hospitalar.

A atuação do psicólogo hospitalar aparece como componente indispensável na mediação dos efeitos psicossociais identificados. Os estudos revisados demonstram que esse profissional desempenha funções essenciais, como acolhimento emocional, manejo de ansiedade, orientação a cuidadores, suporte aos vínculos familiares e mediação da comunicação entre equipe e paciente. Além disso, a inserção do psicólogo contribui para a humanização das práticas de cuidado, alinhando-se aos princípios da Política Nacional de Humanização – PNH (BRASIL, 2004)). Os resultados indicam que intervenções psicológicas precoces e contínuas mitigam comportamentos regressivos, reduzem níveis de estresse, fortalecem a capacidade de enfrentamento da criança e minimizam impactos emocionais pós-alta.

No que se refere às práticas de humanização, os estudos destacam a pertinência de iniciativas que promovam acolhimento, comunicação sensível, escuta qualificada e valorização da subjetividade da criança. Tais práticas, quando incorporadas de forma sistêmica, também favorecem a experiência dos

familiares, contribuindo para a diminuição da sobrecarga emocional e para o fortalecimento da confiança na equipe de saúde. Observa-se que a hospitalização torna-se menos traumática quando o ambiente oferece estímulos afetivos, lúdicos e sociais adequados, reafirmando a necessidade de capacitação dos profissionais para práticas integrais e humanizadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalização infantil constitui um processo complexo, no qual a criança enfrenta não apenas a doença, mas também um conjunto de experiências emocionais e sociais desafiadoras. A revisão da literatura evidencia que a hospitalização pode gerar impactos significativos no desenvolvimento biopsicossocial da criança, incluindo ansiedade, medo, regressão comportamental, sofrimento psíquico e alterações nos vínculos familiares. Esses efeitos não se restringem ao período de internação, podendo repercutir no comportamento, nas relações interpessoais e na aprendizagem futura.

Diante disso, a hospitalização infantil deve ser compreendida como uma experiência multidimensional, exigindo atenção simultânea à saúde física, emocional e social da criança. A consolidação de políticas e práticas que priorizem a humanização do cuidado pediátrico, bem como a formação e capacitação contínua de profissionais, configura-se como passo essencial para minimizar os impactos negativos da internação e assegurar o desenvolvimento saudável das crianças. Perspectivas futuras incluem a ampliação de pesquisas empíricas que avaliem a eficácia das intervenções psicológicas e lúdicas, possibilitando aprimoramento contínuo das práticas hospitalares e fortalecendo o papel da criança como protagonista de seu próprio cuidado.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. Tradução de Vera Lúcia de Souza e Irene Rizzini. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização - PNH**. Brasília, 2004.

BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, DF: Senado Federal, 2017.

MOTTA, A. B. Intervenção psicológica lúdica para o enfrentamento da hospitalização em crianças com câncer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 26:445-454, 2010.

MOTTA, A. B. Brincar no hospital: câncer infantil e avaliação do enfrentamento da hospitalização. **Psicologia Saúde e Doenças**, 2002.

PARCIANELLO, A. T. E agora doutor, onde vou brincar? **Barbarói**, n. 28, p. 147, 2008.

RODRIGUES, C. E. M. **Importância do lúdico no impacto psicológico da hospitalização infantil: estudo no Hospital Regional Santiago Norte**. 2013. 74 f. Monografia (Licenciatura em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Cidade da Praia, Santiago, Cabo Verde.